

NARRATIVAS DE APRENDIZAGEM DE INGLÊS NA AMAZÔNIA: A EXPERIÊNCIA DO ENCONTRO COM O OUTRO

DOI: [10.29327/210932.12.2-25](https://doi.org/10.29327/210932.12.2-25)

Patricia Christina dos Reis
Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins,
Amazonas - Brasil
reispatricia2003@yahoo.com
<https://orcid.org/0000-0002-1710-0433>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo lançar luz sobre a experiência de formação de professores de inglês da cidade de Parintins, Amazonas, ressaltando o contexto local como o lugar da experiência, lugar em que a aprendizagem da língua inglesa é marcada pela realidade amazônica. Metodologicamente, esse artigo é fruto de uma pesquisa qualitativa com doze professores de inglês de escolas públicas de Parintins. Conduzindo entrevistas, reunimos narrativas em que os professores contam sobre suas histórias de vida e aprendizagem, sobre os primeiros contatos com o inglês e com falantes nativos. Na análise do *corpus*, destacamos excertos em que percebemos a influência de seus pais, de seus professores e também de visitantes estrangeiros, nas suas escolhas profissionais. Os resultados mostram como os dizeres dos professores podem ser associados à experiência de viver em território amazônico, revelando uma formação docente que não se restringe à acadêmica, mas que se completa no dia a dia.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores. Língua inglesa. Amazônia.

NARRATIVES ON LEARNING ENGLISH IN THE AMAZON: THE EXPERIENCE OF MEETING OTHERS

ABSTRACT: This article aims to shed light on the education experience of English teachers in the city of Parintins, Amazonas, highlighting the local context as the place of experience, a place where learning a foreign language is marked by the Amazonian reality. Methodologically, this article is the result of qualitative research with English teachers from public schools in Parintins. Conducting interviews, we gathered narratives in which teachers tell us about their life experiences and their learning stories, about their first contacts with English and with native speakers. In the analysis of the corpus, we highlighted excerpts in which we noticed the influence of their parents, their teachers and also foreign visitors, on their professional choices. The results show how the teachers' sayings can be associated with the experience of living in the Amazonian territory, with an education that is not restricted to academics, but that is completed on a daily basis.

KEYWORDS: Teacher education. English language. Amazon.



INTRODUÇÃO

Por suas riquezas naturais, a Amazônia encontra-se entre as regiões do Brasil escolhidas como ponto turístico por visitantes vindos de várias partes do mundo. Ao realizar uma pesquisa qualitativa com professores de inglês da rede básica de ensino de Parintins, percebemos que algumas de suas histórias de aprendizagem do idioma relacionam-se ao contato com estrangeiros na Amazônia. Nas narrativas dos professores, esses visitantes aparecem como turistas que passam por Parintins/AM e despertam no professor local o desejo pela língua inglesa.

Outro encontro que, segundo os participantes da pesquisa, teve grande peso em suas escolhas profissionais, foi o que se deu entre eles e seus professores de inglês na escola. Da mesma forma, alguns revelam que seus pais tiveram um papel determinante na definição de suas profissões. Acontecimentos marcantes, envolvendo pais, professores e visitantes estrangeiros podem ser apreendidos como momentos de experiência. Experiência aqui entendida de acordo com o que nos ensina Larrosa (2016), um conjunto de acontecimentos que tocam os sujeitos e provocam mudanças em suas vidas. Assim, quando nos referimos à formação do professor a partir da “experiência”, não falamos da definição genérica do termo, como prática prolongada de uma atividade, quando se diz, por exemplo, que determinado professor tem muita experiência. A análise da formação de professor com foco em sua experiência é baseada em suas vivências, em seus saberes. Consideramos que buscar as experiências do professor significa buscar a articulação de seu trabalho com sua vida. Seu viver faz parte de seu saber.

Assim, antes de analisarmos os dizeres dos professores entrevistados, apresentaremos o conceito de experiência, que embasa teoricamente este artigo e em seguida explicaremos como se deu o percurso metodológico deste estudo, apresentando o contexto e os participantes da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Compreender o que significa “experiência” é um dos primeiros passos para adentrarmos o universo de formação do professor de inglês de Parintins. Jay (2005) apresenta distintas elaborações da ideia de experiência, desde Montaigne até Foucault. Segundo o autor, no pensamento clássico, a experiência se opõe à tradição racionalista das ideias, do intelecto e da pureza da forma, e é subestimada por ser associada à desordem e incertezas da vida cotidiana.

Por se opor à razão, a experiência foi desprezada até o século XVII. Platão, por exemplo, via na experiência um obstáculo para o verdadeiro conhecimento. Ele a descartou, por estar mais ligada aos costumes e hábitos, do que às explicações racionais; ao acaso e às possibilidades, do que às certezas da ciência (Jay, 2005, p. 13).

Sobre a relação entre experiência e educação, foram encontrados estudos da primeira metade do século XX, na perspectiva da Filosofia, no livro de John Dewey, publicado nos Estados Unidos, *Experience and Education*, traduzido para o português e impresso no

Brasil em 1979. Desde então, muitas pesquisas sobre experiência na área da Linguística Aplicada (Barcelos, 2000; Coelho, 2011; Miccoli, 2006; Telles, 1995) apresentam Dewey (1979) em sua fundamentação teórica.

Na última década, surgiu uma nova referência sobre o tema, com a publicação dos escritos de Jorge Larrosa, professor de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona. Seus trabalhos se situam nas áreas fronteiriças entre educação, filosofia, cinema e literatura. Para Larrosa (2016), o termo experiência escapa a qualquer conceito, não é fácil de definir, nem de identificar. O que consideramos importante destacar é a relação que ele faz entre a palavra “experiência” e as palavras “vida” e “existência”, relação essa que guia esta pesquisa. Para ele, “a experiência seria o modo de habitar o mundo de um ser que existe, de um ser que não tem outro ser, outra essência, além da sua própria existência corporal finita, encarnada, no tempo e no espaço com outros” (Larrosa, 2016, p. 43).

Larrosa (2016, p. 28) define “experiência” da seguinte forma: “É experiência aquilo que ‘nos passa’, o que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”. A maneira como a experiência nos toca e nos transforma é singular. Podemos vivenciar um mesmo acontecimento, mas a experiência de cada pessoa é única e não irá se repetir da mesma forma.

METODOLOGIA E NATUREZA DA PESQUISA

Esta é uma pesquisa narrativa (Connelly; Clandinin, 2014) de cunho qualitativo, com análise interpretativista dos dados (Moita Lopes, 1994). Os dados qualitativos foram gerados por meio de entrevistas realizadas com professores de inglês de Parintins, atuantes no ensino de inglês nas escolas de ensino básico. Nesta pesquisa, eles receberam nomes fictícios, para a preservação de suas identidades.

A língua inglesa é ensinada em sete escolas municipais e em quatorze escolas estaduais de Parintins. Os professores participantes desta pesquisa atuam não só na rede urbana, mas também na zona rural, em comunidades com a de Santa Rita da Valéria. Doze dos professores atuantes nas escolas urbanas e rurais de Parintins participaram da pesquisa, inicialmente preenchendo um questionário, via *Google Forms*, e depois, participando de uma entrevista conduzida virtualmente. Os áudios, resultantes das entrevistas, foram transcritos, mantendo os traços da oralidade dos participantes, uma vez que esses traços também dizem muito sobre os sujeitos da pesquisa e suas identidades.

Neste artigo, não apresentamos todos os excertos gerados na pesquisa. Foi feita uma seleção, tendo como critério a aproximação entre o que os participantes da pesquisa dizem e o conceito de “experiência”, que embasa este estudo. A cada trecho selecionado, damos o nome de Recorte Discursivo (RD), definido por Schneiders (2014, p. 104), como “uma operação descritiva que permite recortar, fragmentar o objeto de pesquisa, e cada fragmento é tratado como uma unidade de análise, constituída por uma forma material”.

Para enriquecer a análise do corpus, trazemos trechos da obra literária do escritor amazonense Milton Hatoum, por ser ela uma ilustração do contexto em que se insere o professor de Parintins. Um contexto marcado pela presença de visitantes estrangeiros que instigam nos futuros professores o desejo de aprender a língua inglesa.

ANÁLISE DOS DIZERES

Nesta seção apresentamos recortes discursivos (RDs) das narrativas dos professores, destacando, primeiramente, a passagem de estrangeiros em suas vidas, assim como a forma como esses acontecimentos podem ser apreendidos como experiência na formação de cada um. Em seguida, destacaremos alguns excertos que mostram a relação entre os participantes da pesquisa, seus pais e os professores de inglês que tiveram, analisando o impacto desse encontro na construção de suas identidades profissionais.

O ENCONTRO COM O ESTRANGEIRO

A presença de estrangeiros no estado do Amazonas e a relação que criam com a comunidade local são retratadas na literatura amazonense, como no livro de contos *Cidade Ilhada*, do escritor Milton Hatoum. Seus personagens têm nacionalidades distintas e vivem no estado do Amazonas por diferentes motivos. O fascínio pela floresta, pela natureza amazônica pode ser observado no conto “Um oriental da vastidão”, em que o professor Kazuki Kurokawa, um biólogo de água doce e professor aposentado da Universidade de Tóquio, faz uma viagem do Japão ao Amazonas, para conhecer o Rio Negro.

O passeio pelos rios, seja por interesse científico ou lazer, faz parte das atividades realizadas pelos turistas, ao visitar a região amazônica. Nesses passeios, eles muitas vezes param para conhecer as cidades, que compõem um itinerário previamente programado. Em Parintins, os navios de turistas aportam no porto principal da cidade, mas também chegam às comunidades rurais, cujo acesso se dá pelo rio. É o caso da comunidade de Valéria, onde vive o professor Alcides. A chegada de navios de cruzeiro é um acontecimento para a comunidade local, assim descrito por ele:

RD 01

Antes os navios chegavam lá e aí que o pessoal ia pra lá, como diz, assim, pra outra comunidade onde eles ficam mais, né? Lá em Santa Rita, onde eu trabalho, eles vão quando os canoeiros lá da nossa comunidade pegam eles e levam lá pra Santa Rita. À canoa. [...] Mas até então – até eu acho que uns dez anos atrás – eles chegavam, assim, de surpresa, todo mundo achava – aí eles chegavam lá, né, ninguém sabia – mas já tinha a rota deles, né, só que a gente não tinha conhecimento, né, dessa rota, quando eles iam chegar ou não... A partir desse... acho que de 2010 pra cá, aí começaram a ter essas escalas. [...] assim já se prepara melhor, né? pra esperar os turistas.

Os dizeres do professor Alcides ilustram o acontecimento da chegada dos turistas estrangeiros à região de Valéria. Na comunidade, há também exposições da cultura local para os turistas. Vejamos o que o professor Alcides diz sobre os moradores de Valéria:

RD 02

Porque, além do artesanato, eles ainda se vestem de índio, né? Pras meninas... hoje, lá as crianças já são proibidas de se vestir de índio, pra fazer exposição pros turistas, mas as jovens lá ainda fazem isso, né – mas, além disso, nós temos o boi, né, boi da comunidade lá, o bozinho que chama, o boi... Arretadinho lá – que é a festa do boi [...] Tudo é baseado nos itens que acontecem no Festival Folclórico de Parintins... nós temos o Pajé, nós temos a Cunhã-poranga, Rainha do Folclore...

No relato do professor Alcides, vemos várias características culturais da cidade de Parintins. O vestir-se de indígena parece ir ao encontro de uma representação daquilo que o turista quer ver. Os dizeres do professor sugerem que, no imaginário da comunidade local, é preciso vestir-se de indígena para oferecer o que o visitante estrangeiro deseja encontrar.

O desejo de agradar o visitante estrangeiro mobiliza os moradores da comunidade local, que se organizam para fazer uma recepção em que sobressaem as representações que eles têm de si mesmos. Ao turista, também são apresentados itens do Boi-Bumbá, que em sua comunidade recebe um nome próprio, mas segue a tradição dos bois Caprichoso e Garantido. São esses aspectos da vida em Valéria que marcam a experiência do professor Alcides.

A recepção ao turista no Amazonas é também ilustrada por Milton Hatoum no conto “Dançarinos na última noite”, em que o personagem Miralvo trabalha num hotel de selva e é um dos responsáveis por entreter os turistas. Destacamos um trecho do conto em que se descreve seu trabalho:

De manhã cedo, Miralvo levava um grupo de turistas estrangeiros para passear de canoa no lago do Ubim. Pescava com eles, falava dos botos, do rio, contava lendas. Um intérprete traduzia para o inglês e, quando um turista não entendia inglês, Miralvo gesticulava, fazia mímica; depois do almoço, ele caçava e pescava, e vendia por uma pechincha peixe e carne de caça para o restaurante do hotel. Às vezes, para ganhar uns trocados, ele passeava com uma cobra viva no bar do hotel, ou então pendurava bananas nos braços esticados para atrair macacos e divertir as crianças. À noite os mesmos turistas do passeio matinal viam Miralvo dançar no salão de festas do New Horizon. Poucos o reconheciam, porque o corpo do dançarino estava pintado com figuras geométricas. Com um pouco de sorte, embolsava dois ou cinco dólares de hóspedes estrangeiros, que jogavam a cédula numa cuia (Hatoum, 2009, p. 114).

O convívio de Miralvo com grupos de turistas que visitam o Amazonas vem ao encontro das situações apresentadas pelo professor Alcides. São situações que nos permitem refletir sobre como o turismo representa um espaço para o contato linguístico entre amazonenses e estrangeiros, pedindo informações ou fazendo negociações com os moradores, os turistas podem despertar o desejo pela língua inglesa.

Prasse (1997) faz-nos compreender a posição do sujeito como “desejante” de uma língua que desconhece, desejo que se funda na diferença entre o nosso lugar e o lugar

do outro, do falante de outra língua. A autora compartilha as memórias que tem do seu primeiro contato com a língua francesa. Numa pequena cidade da Alemanha, em que vivia, ela, ainda criança, assistia a chegada de franceses e perplexa com os novos sons que ouvia, emitia sons parecidos, brincando com a língua. Da mesma forma, experiências com a língua inglesa, em situações de contato com estrangeiros, pertencem à memória de professores de Parintins. Assim como o professor Alcides, o professor Tales também teve contato com estrangeiros que visitavam a cidade. Na época, era aluno de Letras. Vejamos o impacto desse contato na sua formação acadêmica:

RD 3

Durante a minha primeira graduação, eu trabalhava em uma loja de departamentos na frente da cidade, e foi no trabalho que percebi a importância que a Língua Inglesa faz na vida das pessoas que a dominam, pois em algumas ocasiões a loja era frequentada pelos turistas que abarcavam na ilha e sempre todos os vendedores fugiam do contato, por não terem conhecimento algum em inglês. Em uma dessas situações, eu fui chamado para intervir (eu era o único universitário), uma turista francesa fez uma compra de lingerie e não compreendia o procedimento para finalizar a compra e a diferença de valores do dólar para o real, ela estava com pressa, falando em francês e tentava falar inglês, naquele momento eu consegui trocar frases curtas em inglês e explicar os valores para finalizar a compra. A partir desse momento, em todas as ocasiões que entrava um turista na loja, eu era chamado para acompanhar e ajudar, e, exatamente por isso, eu procurei aprender mais e dar mais atenção nas aulas de inglês na universidade, esse fato mudou minha vida.

Há nos dizeres do professor Tales, indícios de que o contato com um visitante estrangeiro pode incitar alguém a conhecer melhor a língua do outro. Seu desejo de aprender mais exemplifica essa influência e mostra como ela gera uma transformação significativa em sua vida. A partir da experiência com a turista estrangeira na loja, o professor, que na época era um estudante universitário, procurou aprender mais. Como ele afirma, ao final do excerto, aquele acontecimento mudou sua vida. Sua atitude nas aulas de inglês foi modificada, pois passou a prestar mais atenção.

Tal mudança de comportamento é um exemplo dos efeitos de um acontecimento na vida de alguém que, em resposta, procurou aperfeiçoar seus conhecimentos, com o desejo de poder se comunicar melhor em outra língua. Vemos aí a ação da experiência no sujeito, desencadeando uma mudança, uma transformação.

Como os contos de Milton Hatoum nos ajudaram a ilustrar, o contexto amazonense está marcado por encontros entre pessoas, nativas e estrangeiras, que se entrecruzam, provocando movimentos, transformações, mudanças nos rumos e nas metas. O desejo de se formar professor ou de se (trans)formar enquanto professor pode ter surgido a partir de vivências com falantes de outras línguas. Assim, vemos o professor de inglês como resultado dessa experiência.

O ENCONTRO ENTRE PROFESSORES E SEUS MESTRES

Os participantes desta pesquisa apontaram seus professores como sendo também pessoas importantes em suas trajetórias de formação. Tanto seus professores da escola, quanto os da universidade marcaram suas trajetórias, com práticas de ensino inspiradoras e impactantes. Nesta subseção, focaremos no relato de um dos professores, ao explicar os motivos de sua escolha pelo curso de Letras. Ele afirma:

RD 04

Quando cheguei no Ensino Médio, no XXXX, tive uma professora que me fez decidir o que realmente queria. A professora XXXX. Em 5 meses sua prática pedagógica me fez escolher Letras.

Nos dizeres do professor Alcides, há indícios de que a figura de uma das suas professoras do Ensino Médio foi inspiradora o bastante para que ele optasse pelo curso de Letras. Não só a figura da professora em si, mas sua prática pedagógica, o que inclui seu jeito de ensinar e a forma como lida com o conhecimento e com os alunos.

Houve, entre o estudante e sua professora, uma identificação. Segundo Mannoni (1994), uma identificação é uma captura. Uma vez capturada, o professor Alcides movimenta-se rumo à concretização de seu desejo. Reis (2011) explica que, “dada essa captura inicial, é somente na relação que o laço ganha forma ou não. Essa experiência se dá por ações e se transmite fazendo que o outro se movimente e trabalhe” (Reis, 2011, p. 512). Por ser hoje um professor formado em Letras, entendemos que movimento e trabalho aconteceram após a captura do aluno Alcides por sua professora.

Ao descrever sua trajetória acadêmica, o professor Alcides fala também sobre o período que antecedeu o Ensino Médio. Ele explica:

RD 05

Bom, falar da minha trajetória acadêmica, para mim, é motivo de orgulho. Sou filho de ribeirinho, portanto eu estudei todo o ensino fundamental na zona rural, da 1ª à 4ª série, estudei numa escola multisseriada, na escola São Vicente do Itaboraí, depois mudei para outra comunidade, Santa Rita da Valéria, onde concluí o Ensino Fundamental. Em 2002, vim pra cidade cursar o Ensino Médio.

Ao dizer que é filho de ribeirinho, o professor Alcides nos remete ao universo das comunidades rurais de Parintins. Uma característica que marca a trajetória do aluno ribeirinho na infância é frequentar a escola multisseriada. Por falta de professores e de infraestrutura para separar os alunos em anos, as escolas têm turmas em que os professores ensinam alunos de diferentes idades e níveis educacionais. De acordo com Souza e Gonçalves (2018), as classes multisseriadas pedem que os professores estejam sempre se reinventando, criando instrumentos pedagógicos que atendam às demandas locais, procedimento que nos remete à proposta de Barbosa e Jorge (2007), voltada para os estudantes do campo e ciente das suas especificidades e necessidades.

Ser ribeirinho significa nascer e crescer à beira do rio e, principalmente, ter suas vivências culturais e sociais pautadas na relação com o rio (Victoria, 2016). Isso significa

que o rio se faz presente na vida dos ribeirinhos em todos os sentidos, ao prover alimento, transporte, água para higiene e lazer. O uso dos recursos da floresta e dos cursos d'água estão “presentes nos seus modos de vida, enquanto dimensões fundamentais que atravessam as gerações e fundam uma noção de território” (Castro, 1998, p. 7). Território em que desenvolvem práticas tradicionais de cultivo, muitas vezes plantando alimentos para o próprio consumo, ou dedicando-se ao extrativismo de produtos locais. Território em que suas identidades se constituem, a partir de modos de vida fundados na cultura e nas relações sociais que ali são estabelecidas.

Em relação à constituição étnica dos povos ribeirinhos, Victoria (2016, p.6) afirma que “as populações que habitam o interior do Amazonas, em comunidades formadas às margens dos rios, lagos e igarapés, que formam esse imenso universo das águas, foram sendo constituídas por meio da junção cultural de índio, imigrantes nordestinos e negros”, que contribuem para a diversidade da região em que vivem. É a esse universo que nos remete o professor Alcides, ao dizer que é filho de ribeirinho. Esse laço com a comunidade ribeirinha nos informa de onde ele é e revela parte de quem ele é, enquanto sujeito da experiência.

Souza e Gonçalves (2018, p. 245) ressaltam que, “na Amazônia, a singularidade de seus espaços e os desafios que requerem ser superados exigem dos educadores, nem sempre especialistas, o enfrentamento de uma realidade para a qual, talvez, não foram devidamente preparados”. É o educador desse contexto, com suas qualidades e limitações, que o professor Alcides teve como referência, até sua ida à cidade para cursar o Ensino Médio. Lá, foi apresentado a novos professores, com novas identidades, novas práticas e novas vivências.

Levando em consideração as origens dos participantes desta pesquisa, que o último excerto trouxe à tona, vejamos, a seguir como a participação dos pais dos professores também foi importante na construção do desejo de ensinar inglês.

PROFESSORES E SEUS PAIS

A escolha profissional dos participantes desta pesquisa pode ser discutida a partir da análise da relação estabelecida com seus pais, tendo em conta suas origens e as condições em que cresceram. O conhecimento das características que envolvem o passado de cada professor pode nos ajudar a compreender melhor as razões de suas escolhas, como discutido por Valle (2006):

Ao contrário do que revela o senso comum, o destino de uma pessoa não se prende somente às características próprias de sua personalidade – disposição, inteligência, caráter, vocação, aptidão, dons e méritos pessoais, que podem ser cultivados de maneiras diversas –, mas depende principalmente do fato de ter nascido num determinado momento histórico e num certo ambiente sociocultural, definido por elementos estruturais bem precisos: de ordem econômica, política, educacional. Esses elementos pesam sobre as opções de cada um e acabam por prescrever o futuro no mais longo termo, orientando a escolha pessoal e exercendo forte influência sobre o itinerário profissional (Valle, 2006, p. 179).

As palavras de Valle (2006) se aplicam a este estudo, por apontar elementos que precisam ser considerados na reflexão sobre a formação dos professores de inglês de Parintins. A professora Celina, por exemplo, nos ensina um pouco sobre suas origens e as condições em que cresceu, como poderemos observar no seguinte recorte discursivo:

RD 06

Uma pessoa que me ajudou, nunca deixou de me amparar, nunca, é, me desmotivou, foi a minha mãe... nós somos de família, assim, bem carente –éramos de família bem carente quando eu tinha doze anos... O meu pai, ele foi embora [pausa] foi embora pra trabalhar e ajudar a família, eram seis filhos... então daí nunca mais... nunca mais nós... nós tivemos contato, assim – eu tive mais contato com ele uma vez ou outra, mas ele praticamente abandonou a gente – abandonou minha mãe com seis filhos... nós passamos muita necessidade, então o meu objetivo sempre foi esse de me formar, ter o curso superior, que era o sonho da minha mãe e também passou a ser o meu objetivo – de CRESCER, né... porque a única coisa que a minha mãe tinha deixado pra mim era justamente a educação [pausa] Então ELA, pra mim, foi a grande referência... nesse sentido.

Ao dizer que o pai “foi embora pra trabalhar e ajudar a família”, a professora Celina inscreve sua família numa prática comum nos processos migratórios: a transformação da família tradicional em uma família monoparental. É importante ressaltar que esse novo arranjo familiar poderia ter sido temporário. Segundo Gois (2013, p. 158), “mesmo quando a família não migra conjuntamente, são projetadas as possibilidades para a migração do restante da família”. O que acontece, muitas vezes, é a partida do pai para se estabelecer no novo lugar, e depois levar a família. No período entre sua partida e a estabilidade no novo local, muito pode acontecer, desde o sucesso nos arranjos para receber a família, até fatos inesperados que acabam mudando os planos traçados.

Pesquisas que contribuem para o entendimento da experiência da migração identificada nos dizeres da professora Celina são, entre muitos outros, os trabalhos de Maciel (2012), Nogueira (2010) e Silva (2017). São pesquisas que consideram as subjetividades dos migrantes e os sentidos que eles dão ao processo em que se inserem. No entanto, os sujeitos entrevistados são, na maioria das vezes, aqueles que migram, não sendo dada muita ênfase às subjetividades dos que ficam. Ficar à espera de alguém que partiu, ou não ver novamente alguém que migrou pode marcar a vida de uma pessoa de forma particular e ser um elemento constituinte de sua identidade. As marcas da subjetividade nos dizeres da professora Celina não podem ser ignoradas, mesmo quando temos outros focos, outras questões que se destacam no seu discurso.

O abandono pelo pai, como acontecimento que marcou a vida da professora Celina é, em sua trajetória, uma experiência que a fez deslocar-se, que a impulsionou a buscar um rumo, um preenchimento para a lacuna que se abriu em sua vida. No sonho da mãe, de vê-la formada, a estudante Celina encontrou o conforto e, ao mesmo tempo, a inquietação que marcou seu caminho de (trans)formação. Aquele sonho tornou-se seu ponto de apoio.

Essa interpretação confirma a importância dos traços das subjetividades, das emoções dos enunciadores, no momento de análise dos seus dizeres. Sobre a subjetividade e seu lugar na narrativa oral, comenta Portelli (1996):

A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados (Portelli, 1996, p. 60).

Sendo a subjetividade uma parte que não se pode excluir da história narrada, é importante que nós a compreendamos como parte da constituição da identidade da professora Celina. Não sabemos o real motivo do abandono, nem o destino de seu pai, uma vez que seus dizeres não oferecem pistas nesse sentido, mas é nesse desconhecimento que reside o que Portelli (1997) diz sobre as fontes orais. O autor argumenta que as fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos sobre determinado acontecimento, mas nos contam bastante sobre seus custos psicológicos.

Tendo crescido sem o pai, a filha Celina esforçou-se para honrar todo o esforço despendido pela mãe. O fato de passar “muita necessidade” não a desmotivou. Pelo contrário, impulsionou-a à realização do sonho de sua mãe, sua grande referência. A partir deste mundo, a mãe deixa com a filha um desejo, que ela abraça e que, com o tempo, a transforma. Ainda sobre sua mãe, ela diz:

RD 07

Minha mãe com certeza foi e continua sendo a principal fonte de inspiração para minha vida profissional, apesar de não estar mais entre nós. Foi por ela que entrei na Universidade, mas por mim que houve a transformação em minha vida. Ela queria que todas nós fôssemos mulheres independentes, infelizmente, de 5 irmãs e 1 irmão, apenas meu irmão e eu conseguimos essa meta.

A mãe da professora Celina transmite-lhe o desejo, mas sua concretização se dá por seu próprio esforço. Vemos aí um sujeito ativo. Ao dizer “foi por mim que houve a transformação em minha vida”, ela se coloca na posição de alguém que buscou alcançar suas metas e confirma que a experiência desse percurso a transformou. O modo de dizer da professora indicia o sujeito da experiência. Suas palavras sugerem que aquilo que acontece a ela provoca transformação, faz dela o que é, constitui-a, marca sua maneira de ser, configura sua pessoa e sua personalidade (Larrosa 2016, p. 48).

A influência de um dos pais pode ser observada também na trajetória da professora Cláudia. Em seu caso, o desejo veio do pai. Ela relata:

RD 08

Meu pai, apesar de não ter terminado o antigo 1º grau, sempre quis que algum de seus filhos se empenhasse em aprender algum idioma, fosse inglês, espanhol ou LIBRAS. Segundo ele, também essas seriam áreas muito boas para arranjar emprego. Ele realmente estava certo. Há uma carência enorme de profissionais habilitados e capacitados para conduzir um processo contínuo de aprendizado.

O olhar do pai para o ensino de inglês como uma possibilidade de entrada no mercado de trabalho guiou a professora em sua escolha profissional. A expressão “arranjar emprego” é significativa nesse contexto. O verbo arranjar, que tem sua etimologia no francês, tem significados ligados à organização do espaço, como “pôr em ordem” ou “adornar”. Porém, seu uso se popularizou e hoje seu sentido coloquial é o de “conseguir meios para um fim proveitoso” (Nogueira; Silva, 2017, p. 15). Nesse sentido, a interpretação de “arranjar emprego” é a de que é preciso ter “meios” para se chegar a um emprego, que é preciso fazer arranjos para obtê-lo, não sendo uma tarefa passiva. De acordo com a sugestão do pai da professora Cláudia, um dos “meios” seria o conhecimento de uma nova língua.

A oferta de empregos que tenham como exigência o conhecimento do inglês é algo que se tornou comum nas últimas décadas, como uma das marcas do mundo globalizado. No momento histórico referido pela professora Cláudia, Parintins já se inseria neste contexto, porém essa inserção se dava de forma incompleta, já que a formação de seus profissionais ainda dependia de Manaus, sendo a professora uma das profissionais que buscou formação na capital. Vemos aí uma interseção entre duas Parintins: a que existe e uma que surge. Trata-se de uma cidade metamorfoseada, híbrida, que sinaliza novas mudanças, mas que continua imbricada noutra Parintins. É na interseção entre as duas Parintins que se encontra o professor de inglês local. Sua identidade é marcada por uma territorialidade em movimento e é construída numa cidade em mudança de fases.

As territorialidades, segundo Candiottto e Santos (2008, p. 323), “representam mudanças e/ou permanências e estão ligadas às temporalidades”. No caso de Parintins, percebemos que mudança e permanência coexistem: há sinais de mudanças, como sugerem os dizeres do pai da professora Cláudia, ao apontar a necessidade de saber uma nova língua para arranjar emprego, mas há também a permanência, por se tratar de uma cidade em que há carência de profissionais habilitados para esse fim. Em busca de maiores chances de formação no idioma, a aluna Cláudia mudou-se para Manaus e lá passou a exercer o ofício de ensinar inglês.

Os dizeres da professora nos leva, em primeiro lugar, a refletir sobre a projeção dos pais na formação de um professor e, em segundo lugar, a pensar sobre as diferentes identidades que podem constituir os professores de Parintins. Aqueles que tiveram a influência dos pais em suas escolhas seguiram um determinado caminho, são sujeitos com histórias marcadas e com visões de mundo diferentes de outros grupos. O que acontece, o que passa, o que toca cada um tem efeitos diferentes em seu modo de atuar e sua maneira de ser.

Representações do que é ser professor são criadas, com base em suas histórias de vida. Representações que são sustentadas “tanto por conhecimentos oriundos da experiência cotidiana, quanto pela reapropriação de significados historicamente consolidados” (Coracini, 2015, p. 139). Os comportamentos e a forma de comunicação desses professores são definidos pelas representações que eles têm do mundo, representações

que provêm “da cultura, dos valores, crenças e saberes midiáticos ou conhecimentos científicos de um dado grupo social, em constante movimento, ainda que imperceptível, ou, como diria Foucault (1969), das formações discursivas em que se inscrevem os sujeitos sociais” (Coracini, 2015, p. 139).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procuramos discutir a forma como os encontros com o falante da língua inglesa, com um professor, ou com os próprios pais, representam um acontecimento singular na vida dos professores, acontecimento apreendido como experiência, na perspectiva de Larrosa (2016). O saber da experiência que se adquire no encontro com o outro difere-se daquilo que a ciência define como conhecimento, trata-se da experiência, marcada por pausas, pelo cultivo da atenção e pela arte do encontro (Larrosa, 2016).

O saber da experiência não deve ser confundido com conhecimento científico, que se situa fora de nós, e sim entendido como aquilo “que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (Larrosa, 2016, p. 32). São saberes que configuram o ser humano, que guiam sua maneira de conduzir a vida e responder às adversidades que lhe são impostas e aos acontecimentos que o tocam.

Assim, os dizeres dos professores aqui analisados mostram que o viver faz parte do saber. Existe uma grande relação entre experiência-trabalho-vida. Buscar as experiências do professor de Parintins significa buscar a articulação de seu trabalho com seu modo amazônida de viver, revelado nas histórias que conta. Esperamos assim ter contribuído para as reflexões em torno da formação de professores na Amazônia, trazendo para a discussão a relação entre o encontro com o outro e o ato de aprender e ensinar inglês.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. R.; JORGE, M. L. S. Linguística aplicada crítica e ensino de inglês no contexto de movimentos sociais de luta pela terra. In: **1st International ABRAPUI Conference**. [Belo Horizonte]. Anais eletrônicos. UFMG, 2007. Disponível em https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRAPUI_I_UFMG/language_pdf/lang50.pdf. Acesso em: 04 maio 2024.
- BARCELOS, A. M. **Understanding ‘teachers’ and ‘students’ language learning beliefs in experience: a Deweyan approach**. 2000. Tese (Doutorado em Ensino de Inglês como Segunda Língua) – College of Education, The University of Alabama, Tuscaloosa, 2000.
- CANDIOTTO, L. Z. P.; SANTOS, R. A. Experiências Geográficas em torno de uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). **Territórios Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP, p. 315-340, 2008.
- CASTRO, E. R. **Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais**. Papers do NAEA, n. 92, p. 3-16, 1998.
- COELHO, H. D. **Experiências, Emoções e Transformações na Educação Continuada: Um Estudo de Caso**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.
- CONNELLY, M.; CLANDININ, Jean. **Stories of Experience and Narrative Inquiry**. Educational Researcher, Vol. 19, No. 5, p. 2-14, 2014.

- CORACINI, M. J. Representações de professor: entre o passado e o presente. **Revista Reflexão e Ação**, [Santa Cruz do Sul], v.23, n.1, p.132-161, jan./jun. 2015.
- DEWEY, J. **Experiência e Educação**. Tradução de Anísio Teixeira. [São Paulo]: Companhia Editora Nacional, 1979.
- GOIS, S. C. C. **As linhas tortas da migração: estado e família nos deslocamentos para a Amazônia (1942 – 1944)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará – Centro de Humanidades – Departamento de História – Programa de Pós-Graduação em História Social – Fortaleza, 2013.
- HATOUM, M. **A Cidade Ihada**. [São Paulo]: Companhia das Letras, 2009.
- JAY, M. **Songs of Experience: Modern American and European Variations on a Universal Theme**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2005.
- LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. [Belo Horizonte]: Autêntica Editora, 2016.
- MACIEL, L. M. **O sentido de melhorar de vida: arranjos familiares na dinâmica das migrações rurais-urbanas em São Carlos-SP**, 2012. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas-SP.
- MANNONI, O. A desidentificação. In: ROITMAN, A. (Org.) **As Identificações na Clínica e na Teoria Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p.173-200.
- MICCOLI, L. A Experiência na Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Estrangeiras: levantamento, conceituação, referências e implicações para pesquisa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [Belo Horizonte], v. 6, n. 2, p. 207-248, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982007000100011> Acesso em: 04 maio 2024.
- MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em Linguística aplicada. **DELTA**, [São Paulo], v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.
- NOGUEIRA, I. D.; SILVA, A. H. **Termos e expressões do coloquial do cotidiano da zona rural no Brasil central no século XX**. Goiânia: Gráfica UFG, 2017.
- NOGUEIRA, V. S. **Sair pelo mundo: a conformação de uma territorialidade camponesa**. Tese (doutorado) – Departamento de Antropologia Social – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas – SP, 2010.
- PORTELLI, A. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Dossiê Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59 – 72, 1996.
- PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.
- PRASSE, Jutta. O desejo das línguas estrangeiras. Tradução de Dulce Duque Estrada. **Revista Internacional**, ano I, n.1/ jun. Rio de Janeiro, Paris, Nova York, Buenos Aires: Companhia de Freud, p.63-73, 1997.
- REIS, V. S. Identificação e Relação entre Professor (LE) e Formador em um Projeto de Educação Continuada. **Signum: Estudos Linguísticos**, Londrina, n. 14/1, p. 503-522, jun. 2011.
- SCHNEIDERS, C. M. Do retorno ao arquivo à constituição do corpus e dos gestos de interpretação. **Conexão Letras**, [Porto Alegre, RS], vol. 9, n. 11, p. 99-109, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55144> . Acesso em: 04 maio 2024.
- SILVA, P. R. L. **Do espaço lembrado ao espaço vivido: narrativas orais de mulheres nordestinas em Parintins-AM, na segunda metade do século XX**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.
- SOUZA, J. V. F.; GONÇALVES, R. M. Escolas Multisseriadas no Contexto da Amazônia. **Revista Periferia**, v. 10, n. 1, p. 244- 260, jan/jun. 2018.
- TELLES, J. **Being a language teacher: stories of critical reflection on language and pedagogy**. 1995. Tese (Doutorado em Educação) – Graduate Department of Education, University of Toronto, Canadá, 1995.
- VALLE, I. R. Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, [Brasília], v. 87, n. 216, p. 178- 187, maio/ago. 2006.
- VICTORIA, C. G. Comunidade ribeirinha, cotidiano, juventude e cultura: interfaces de um diálogo em História Oral no Amazonas. **Anais do XIII Encontro Nacional de História Oral**. Universidade Federal do Rio Grande

do Sul, 2016. Disponível em: https://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1461780510_ARQUIVO_COMUNIDADERIBEIRINHA,COTIDIANO,JUVENTUDEECULTURA-CLAUDIOGOMES.pdf . Acesso em: 04 maio 2024.